

ENTRE A IMAGEM E A PALAVRA: UM ARQUIVO DE FALHAS – EU

Álvaro Jardel Conceição S. de Oliveira¹

RESUMO

Neste ensaio poético e visual, reflito: o que significa narrar visualmente quando se percebe que o principal resultado da sua produção artística é a falha e o fracasso? Reconhecendo-me na *estética queer* foi possível compreender que no ato de fracassar há potências latentes que ampliam horizontes, mesmo que esse movimento soe como paradoxal. Reconhecer-se um *artista queer* significou acolher a possibilidade de trabalhar com o fracasso em vez de ir contra ele, não temendo habitar a “escuridão”, mas fazer dela morada estética e poética, ou seja, o “fracasso pode ser estilo”. O ensaio visual que proponho vai procurar mostrar, a partir dos registros da organização e mapeamento dos meus arquivos de falhas, como é possível fracassar bem, melhor e com frequência sem abrir mão do aprendizado e da potência mobilizadora. E, sobretudo, provocar modos de romper com a empatia pelo vencedor, que segundo Walter Benjamin, somente “beneficia sempre os dominadores” (tese 7). A *noção de arquivo*, seu mapeamento, catalogação, construção e registro é fio de prumo do ensaio. É o ponto de partida, porém, não a linha final. Espero que ele se desdobre na *noção de ato* em que vamos registrar *os meus arquivos de falhas* transpostos e circunscritos em “atos performativos”. Para isso, saber que arquivos são esses, como se encontram e onde encontrá-los se torna um caminho a ser traçado e percorrido como importante etapa da narrativa visual proposta. Logo, estou *entre* a lembrança e o esquecimento; a presença e a ausência; a conservação e a destruição; o eco e o silêncio.

Palavras-chave: Visualidades; Falha; Fracasso; Arquivos; Ensaio.

INTRODUÇÃO

Ao ler *A arte queer do fracasso* (HALBERSTAM, 2020), a expressão: “um arquivo de falhas” (p. 138) tomou minha atenção e feito um gatilho, fez disparar em mim um processo de autocompreensão e, conseqüentemente, de criação. Na verdade, me descobri na frase ao constatar o fato: tudo o que produzi no campo da arte visual, até o presente, foi a organização de um arquivo de falhas constituído por imagens (impressas e digitais), portfólios, biografias,

¹ Artista visual e doutor em Letras e Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Autor principal).

textos, artefatos e lembranças. Nesse sentido, o que é fundamental narrar visualmente quando se percebe que o principal resultado da sua produção artística é a falha e o fracasso?

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Foi graças a aproximação a *estética queer* que me foi possível compreender, mais do que um limite sem retorno, no ato de fracassar há potências latentes que ampliam horizontes, mesmo que esse movimento soe como paradoxal. Reconhecer-se um *artista queer* significou acolher a possibilidade de trabalhar com o fracasso em vez de ir contra ele, não temendo habitar a “escuridão”, mas fazer dela morada estética e poética. Ou seja, o “fracasso pode ser estilo” (p. 21). Fracassar é algo a que estamos habituados, que fazemos e sempre excepcionalmente bem.

Ao querer transitar pelo território ermo do fracasso, me conscientizei que precisava escrever e reconhecer algumas “histórias sombrias” de mim mesmo. O ensaio visual proposto procurou mostrar, a partir dos registros da organização e mapeamento de parte dos meus arquivos de falhas, como é possível fracassar bem, melhor e com frequência sem abrir mão do aprendizado e da potência mobilizadora. E, sobretudo, provocar modos de romper com a empatia pelo vencedor, que segundo Walter Benjamin, somente “beneficia sempre os dominadores (tese 7).

A *noção de arquivo*, seu mapeamento, catalogação, construção e registro foi o fio de prumo deste ensaio visual e poético. É o ponto de partida, porém não a linha final. Espero que ele se desdobre na *noção de ato* que é minha meta em que vou registrar os meus arquivos de falhas transpostos e circunscritos em “atos performativos”. Para isso, saber que arquivos são esses, como se encontram e onde encontrá-los se tornou um caminho a ser traçado e percorrido como importante etapa da nossa narrativa visual.

Escavando outras camadas sequentes para além da falha e do fracasso, me vejo posto na fixação de imagens do meu passado e por elas sou conduzido a outro lugar/estado/desejo: esquecimento, desmemória. Logo, estou *entre* a lembrança e o esquecimento; a presença e a ausência; a conservação e a destruição; o eco e o silêncio. Nesse sentido, me hospedo no conceito de memória da artista visual Flavya Mutran (2016). Para ela, “a memória, comumente comparada à noção de arquivo, é um território movediço para onde enviamos ou de onde evocamos o que sabemos de melhor e pior sobre a vida” (p.4).

E a respeito do *si mesmo* no projeto, me hospedo na obra do artista visual Marcelo Moscheta (2015), cujos elementos geográficos e paisagísticos contidos nos seus trabalhos falam do seu percurso e de sua poética enquanto pessoa e artista. Segundo Mosqueta, os primeiros trabalhos são sempre autorreferentes. Portanto, não temer o *eu* na narrativa visual, ora proposta, pode ser uma forma de aclarar alguns dramas pessoais ou não.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que é fundamental narrar visualmente quando se percebe que o principal resultado da sua produção artística é a falha e o fracasso?

Des-Memórias

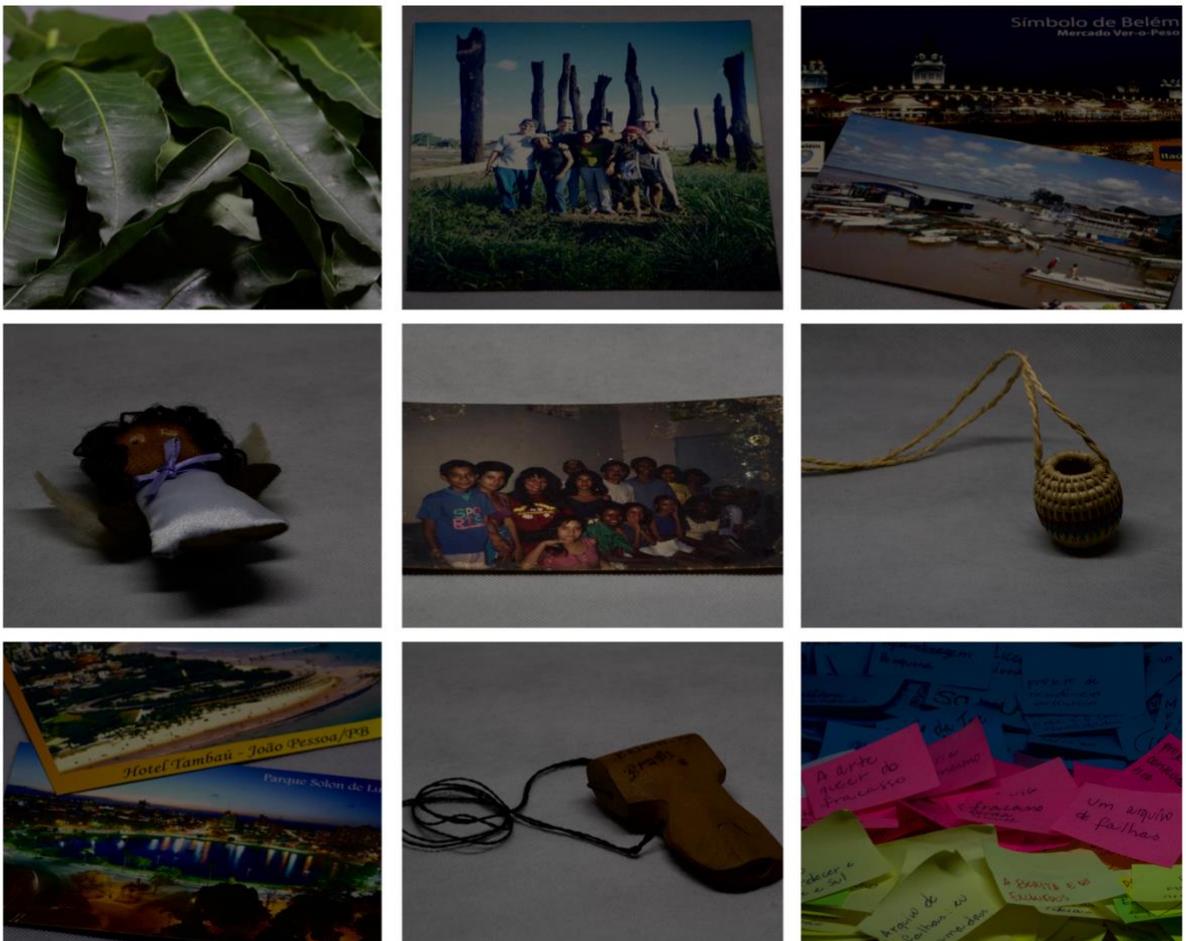
Des-memória I

Nos dias de festa no terreiro de minha avó materna, Tenda Caboclo das 7 Flechas, se costumava cobrir o chão com folhas de mangueira, simbolizando que aquele era um dia celebrativo. Quem colhia essas folhas, geralmente, era eu. Já quase adolescente, pensava comigo que deveria colher folhas o bastante para não deixar o chão do terreiro a mostra, pois, do contrário o “assoalho nu” poderia indicar o averso do sentimento celebrativo. Cresci com essa memória e compreendi que toda festa é sinal de um transbordamento de beleza, simbolizado por algo, alguma coisa ou gesto. Aqui o transbordamento se dava pela quantidade das folhas de mangueira dispensadas no chão sagrado do terreiro de minha avó Maria Raimunda. Minha avó, próximo do final da vida, passou a duvidar de sua missão como Mãe de Santo a frente de uma casa de Umbanda, e com ela, ao seu redor, todos passaram a duvidar também. Na noite em que ela faleceu, lembrei de um sonho. Nele minha avó me pedia, quando falecesse, que colocasse nela a guia em que seu orixá estava assentado. Se fosse o caso, eu deveria brigar com quem viesse a se opor ao pedido. E assim o fiz. Falei a todos da família qual a guia que ela desejava que seu corpo fosse ornado para a volta ao Olorum. Para minha surpresa, todos acolheram o pedido. Mesmo aliviado, ao ter correspondido o último pedido em vida de minha avó, carrego a sensação de que uma luz se apagou, que algo falhou, que falhamos ao perceber que no final de sua vida, vovó Raimunda, uma mulher de fé, tinha sua alma envolta de dúvida e escuridão. Ela que tanto nos sustentou na vida, na fé, no afeto, no amor, na luta.

Des-memória II

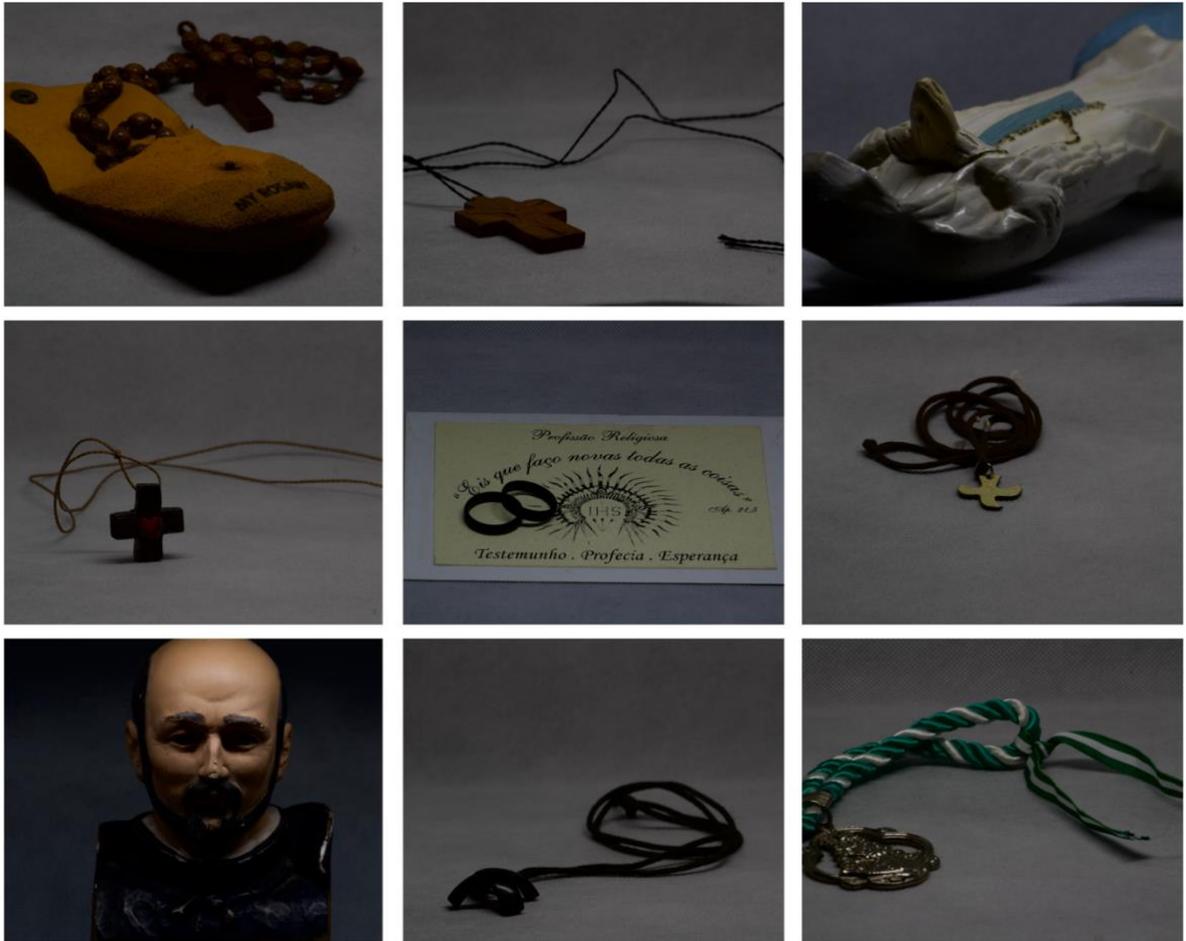
Quando adolescente, meu pai tinha medo que eu me perdesse pelo simples fato de fazer teatro popular na paróquia do bairro onde morávamos. A pressão foi tamanha para que deixasse o grupo que, naquele momento, não tive forças para persistir e seguir. No grupo de teatro me sentia feliz. Até hoje me pergunto o que teria acontecido comigo se em vez da proibição, tivesse meu pai me incentivado a seguir praticando teatro. Não sei. A única coisa que recordo foi de uma decisão que tomei: daquele dia em diante escolhi me isolar em casa de tudo e de todos. Não abandonei a escola, porém tudo o mais deixei de lado. Essa foi a maneira que encontrei para viver o luto pela morte precoce da arte cênica em mim. Tive a coragem de acolher a noite escura de minha noite, fazendo nela morada, me isolando.

Arquivos de falhas



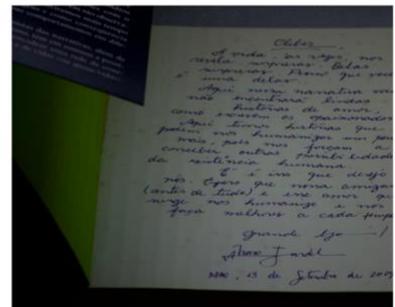
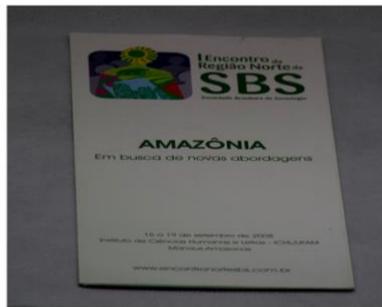
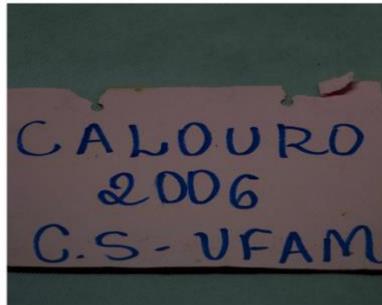
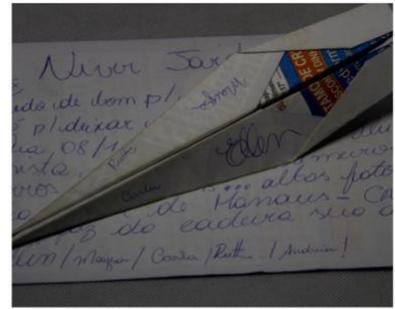
Arquivo 1: “Salve as folhas”

Fotografia digital, 2021.



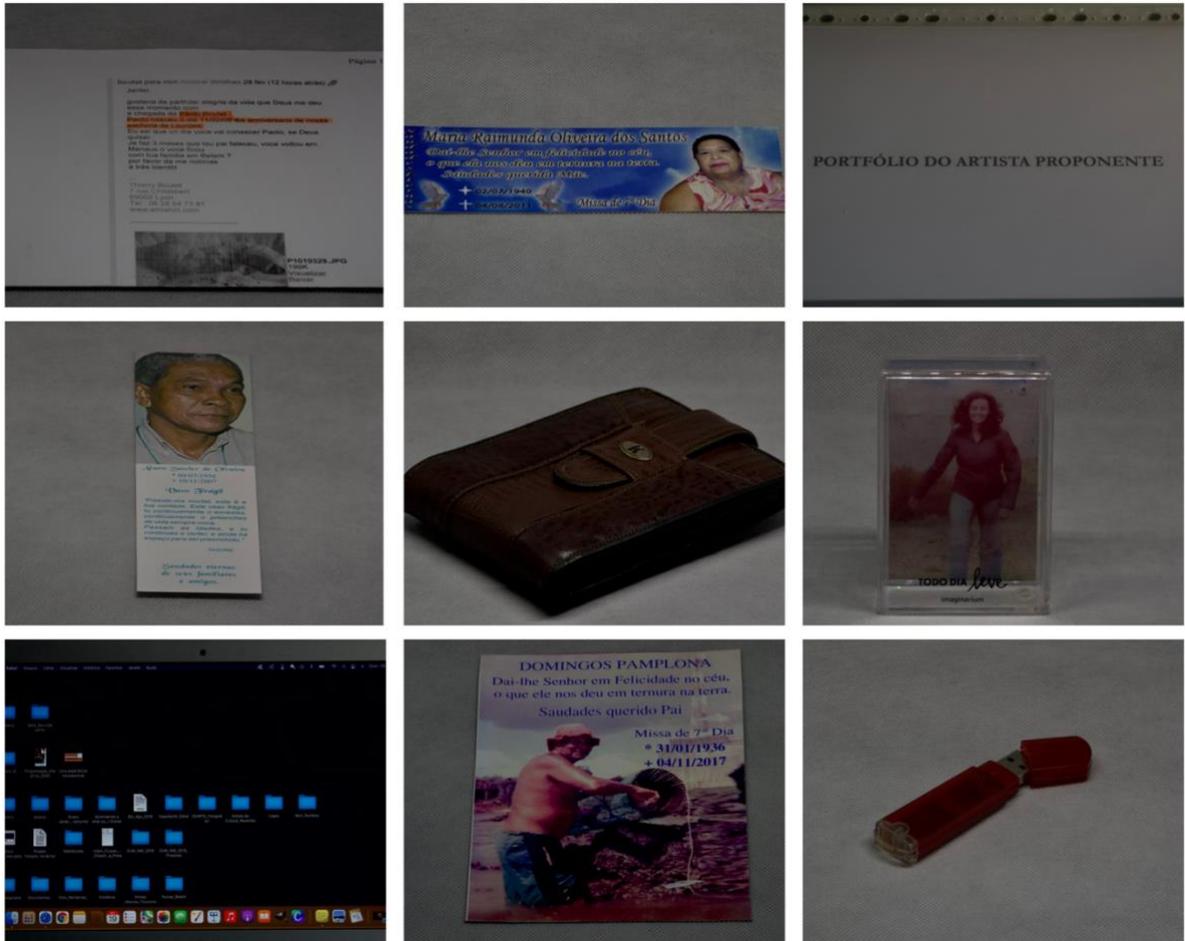
Arquivo 2: “Deuses sem deus”

Fotografia digital, 2021.



Arquivo 3: “Saído da caverna”.

Fotografia digital, 2021.



Arquivo 4: “Pulsão de vida e pulsão de morte”.

Fotografia digital, 2021.

CONCLUSÃO

Os objetos apresentados arquivam fragmentos materiais de parte de des-memórias submersas nas margens de minha existência. Reunidos, eles formam a noção de arquivo, considerando seu mapeamento afetivo, catalogação, construção e registro, constituindo o fio de prumo deste ensaio visual. Nele procuro mostrar como é possível fracassar bem, melhor e com frequência sem abrir mão do aprendizado e da potência mobilizadora. E, sobretudo, provooco modos de romper com a empatia pelo vencedor que, segundo Walter Benjamin, somente “beneficia sempre os dominadores” (tese 7).

Como é possível notar, os objetos arquivados estão envoltos numa luz rebaixada. Ajustei a cena a menos luz em vez de buscar por mais luminosidade no intuito de ajustar o dramático de luz e sombra que esses arquivos evocam e as memórias os quais apontam, muitas delas envoltas na escuridão do fracasso. Nesta “paisagem sombria de confusão, solidão, alienação, impossibilidade e constrangimento” (2020, p. 145) proponho uma estratégia interpretativa da arte, do corpo do artista e de suas memórias. Como artista queer, trabalho com o fracasso em vez de ir contra ele. Sem receio, habito a escuridão como potência estética e leitura do mundo.

Ao escavar outras camadas sequentes para além da falha e do fracasso, me vi posto na fixação de imagens do meu passado e por elas fui conduzido a outro lugar/estado/desejo: esquecimento, desmemória. Logo, estou *entre* a lembrança e o esquecimento; a presença e a ausência; a conservação e a destruição; o eco e o silêncio; pulsão de vida, pulsão de morte. Entre a busca de minha própria imagem interior e para além dela fora de mim.

EU:NÓS!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso.** Tradução: Bhuvan Libanio. Recife: Cepe, 2020.

MOSCHETA, Marcelo. **Arrasto: relato da expedição realizada em toda extensão do Rio Tietê entre março e agosto de 2015.** Campinas/SP: Ateliê Marcelo Moscheta, 2015.

MUTRAN, Flavya. **Arquivo 2.0 – desmemórias fotográficas.** Belém/PA: Kamara Kó Fotografias, 2016.